

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS E EPISTEMOLÓGICAS¹

Antônio Roberto Xavier²

Eduardo Ferreira Chagas³

Resumo: O presente artigo tem por escopo central contribuir no âmbito didático-pedagógico para o ensino e aprendizagem de Filosofia. Para tanto, elenca-se como problemática central a querela historicamente posta sobre o que é e para que serve ou qual a importância da Filosofia. Na busca de responder plausivelmente a esses questionamentos, decidiu-se proceder esta pesquisa, abordando primeiramente o plano teórico com base em fontes secundárias. Metodologicamente foi procedida uma pesquisa com abordagem qualitativa de natureza básica, de cunho descritivo-exploratório quanto ao objetivo, a partir do método procedimental bibliográfico. Quanto às técnicas para a coleta de dados e informações, utilizaram-se a técnica da observação direta e a revisão de literatura. No tocante às técnicas de análise, foram empregadas a de conteúdo e a do discurso dialético crítico contextualizado. Com relação aos resultados, colheu-se que a filosofia: I) não tem pai/mãe, patrono (a) ou pátria; II) é importante para formar pessoas com maior e melhor senso de justiça; III) é imprescindível para a construção de um sujeito crítico e de autoconsciência mais apurada na perspectiva de sua emancipação como sujeito ativo da história. Conclui-se que o ensino e aprendizagem de Filosofia possibilitam mudanças e contribuem decisivamente na busca de compreensão existencial, atravessando assuntos como ética, política, moral, justiça, verdade, conhecimento, sendo imprescindíveis para questionar a realidade aparente visando à transformação social.

Palavras-chave: Filosofia; ensino de Filosofia; eurocentrismo; ciência.

THE TEACHING AND LEARNING OF PHILOSOPHY: THEORETICAL-METHODOLOGICAL AND EPISTEMOLOGICAL ISSUES

Abstract: This article aims to contribute to the didactic-pedagogical field of teaching and learning philosophy. To this end, the central problem is the historically posed question of what Philosophy is, what its purpose is, or its importance. In seeking to plausibly answer these questions, this research was conducted, firstly on a theoretical level based on secondary sources. Methodologically, a qualitative research approach of a basic, descriptive-exploratory nature was carried out, using the bibliographic procedural method. Regarding data and information collection techniques, direct observation and literature review were used. Content analysis and contextualized critical dialectical discourse analysis were employed. Regarding the results, it was found that philosophy: I) has

¹Artigo produzido durante estágio pós-doutoral (2025) no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob supervisão do professor titular de Filosofia Eduardo Ferreira Chagas.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pós-doutor Interdisciplinar em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor associado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades (Posih) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- - Brasileira (Unilab). E-mail: roberto@unilab.edu.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3018-2058>.

³ Doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha) e pós-doutor em Filosofia pela Universität Münster (Alemanha). Professor titular de Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: ef.chagas@uol.com.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>.

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES...

Antônio Roberto Xavier / Eduardo Ferreira Chagas

no father/mother, patron, or homeland; II) is important for forming people with a greater and better sense of justice; III) It is essential for the construction of a critical subject with a more refined self-awareness in the perspective of their emancipation as an active subject of history. It is concluded that the teaching and learning of philosophy enables change and contributes decisively to the search for existential understanding, encompassing subjects such as ethics, politics, morality, justice, truth, and knowledge, and is essential for questioning apparent reality with a view to social transformation.

Keywords: philosophy; Philosophy teaching; eurocentrism; science.

Introdução

O interesse sobre a temática se dá em razão de sermos professores das disciplinas Filosofia e Ética, sendo que o primeiro autor, Antônio Roberto Xavier, é professor associado, desempenhando suas atividades docentes no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) para estudantes do Brasil e de outros países lusófonos africanos de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e do país lusófono do continente asiático Timor-Leste. Já o segundo autor, Eduardo Ferreira Chagas, é professor titular de Filosofia dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC), com quem, sob sua supervisão, o primeiro autor está realizando estágio de pós-doutoramento em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC.

O desejo de realizar um estágio pós-doutoral surgiu, dentre outros motivos, em razão dos muitos debates no tempo presente sobre o que é e para que serve o ensino e aprendizagem de filosofia. Ademais, vez por outra, surgem as indagações por parte de estudantes e até por alguns colegas docentes se não é razoável dizer que a filosofia teve seu nascimento na África, haja vista que a filosofia é o ato de pensar e questionar e a África tem sido apontada como sendo o berço do surgimento da humanidade, e não a Grécia, país do continente europeu.

Essas indagações, doravante, funcionarão como fio condutor desta pesquisa a nível de artigo acadêmico-científico. Ao final, em consonância com os objetivos propostos a serem alcançados, acreditamos ser possível dar cabo dessas questões com texto à altura que a discussão requer e merece.

São questões do tempo presente no âmbito do sistema educacional brasileiro que requerem análise e considerações acadêmico-científicas, pois, ao longo da história da educação formal no Brasil, temos ensinado e aprendido, a partir de livros didáticos da educação básica

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES...

Antônio Roberto Xavier / Eduardo Ferreira Chagas

e/ou até mesmo de materiais acadêmicos nos cursos do ensino superior, que a filosofia surgiu na Grécia, o que é contestado por alguns autores (James, 1954).

Esses pressupostos justificam, sobremaneira, esta pesquisa em forma de artigo científico, cujo objetivo principal é contribuir para o debate teórico-epistemológico e didático-pedagógico sobre as características e importância do ensino e aprendizagem de Filosofia.

Ressaltamos, porém, que não pretendemos fazer a história cronológica do ensino de Filosofia no Brasil, algo já feito tão bem por outros/as autores/as, como o fizeram Mazzai e Ribas (2001) em “Trajetória do ensino de Filosofia no Brasil”.

Metodologia

Na seara metodológica, esta pesquisa é qualitativa no tocante à abordagem, por tratar de uma questão social do presente no âmbito educacional que requer análises e reflexões gerais e específicas, incluindo não apenas detalhes pontuais e específicos, buscando também capturar as significações e ressignificações do fenômeno de forma holística e seus reflexos influenciadores como um todo. Por se tratar de um assunto útil à sociedade e à ciência ampliando e aperfeiçoando a abordagem, esta escrita é de natureza básica. Além do mais, por ter optado por uma abordagem qualitativa, considera não apenas os resultados, como também, e sobretudo, as diferentes subjetividades das fontes secundárias interpretadas (Gil, 2008; Xavier *et al.*, 2021).

Quanto ao gênero, este estudo pode ser classificado como teórico, pois tem como foco o debate epistemológico visando a aprimorar teorias, conceitos e ideias a partir do bojo de fontes teóricas secundárias que tratam da temática, haja vista que buscamos ratificar seus conceitos, ideias e argumentos teóricos (Chizzotti, 2011; Xavier *et al.*, 2021).

Consoante Gil (2008), a presente escrita, referente ao objetivo, além de descritiva, haja vista trazer ao debate um assunto já amplamente debatido, é também exploratória, em razão de avocarmos fontes secundárias inéditas para o debate interpretativo.

Em relação ao método procedimental, empregamos o método bibliográfico ao realizarmos leituras diversas em autores(as) de fontes secundárias como livros e artigos de revistas científicas, visando a aprofundar e corroborar os pressupostos teórico-metodológicos e epistemológicos (Gil, 2008; Xavier *et al.*, 2021).

Para a coleta de informações no âmbito teórico, como técnica principal, lançamos mão da revisão de literatura de fontes secundárias, visando a trazer à tona interpretações inovadoras concernentes ao ensino e à aprendizagem de filosofia. No que concerne às técnicas de análise, aplicamos a análise do conteúdo e do discurso contextual sócio-histórico e da crítica dialética, com o fito de compreender e de explicitar a temática de forma consistente e científica (Chizzotti, 2011; Xavier *et al.*, 2021).

Resultados e discussão

Estratégias didático-pedagógicas para o ensino de filosofia: achados teóricos

Crescemos estudando, aprendendo e ensinando que o berço da filosofia é a Grécia, país europeu localizado no sul da península dos Balcãs, banhado pelos mares Egeu, Mediterrâneo, Jônico e de Creta, no cruzamento entre a Europa, a Ásia, o Oriente Médio e a África. Da educação básica à educação superior, aprendemos que o primeiro filósofo foi Tales de Mileto – 624 antes de Cristo (a.C.) - 546 a.C. –, um grego nascido na região da Jônia, mas que o pai/patrono da filosofia com maior projeção é seu compatriota, Sócrates (Gallo, 2016).

Filosofia etimologicamente é palavra de origem grega composta por duas outras: “*philo*” e “*sophia*”. “*Philo*” deriva-se de “*philia*”, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. “*Sophia*” quer dizer sabedoria e dela vem a palavra “*sophos*”, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. “Filósofo: o que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber. Assim, filosofia indica um estado de espírito, o da pessoa que ama, isto é, deseja o conhecimento, o estima, o procura e o respeita” (Chauí, 2000, p. 15).

Para além da abordagem conceitual etimológica a partir do vocábulo “filosofia” no grego, Chauí (2000, p. 16) continua explicitando o que deve ser entendido por filosofia:

[...] a filosofia não é ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos. Não é religião: é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas. Não é arte: é uma interpretação crítica dos conteúdos, das formas, das significações das obras de arte e do trabalho artístico. Não é sociologia nem psicologia, mas a interpretação e avaliação crítica dos conceitos e métodos da sociologia e da psicologia. Não é política, mas interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder. Não é história, mas interpretação do sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES...

Antônio Roberto Xavier / Eduardo Ferreira Chagas

o próprio tempo. Conhecimento do conhecimento e da ação humanos, conhecimento da transformação temporal dos princípios do saber e do agir, conhecimento da mudança das formas do real ou dos seres, a filosofia sabe que está na história e que possui uma história.

Não sendo ciência, religião nem arte, conforme explicita a autora supramencionada, a filosofia também pode ser compreendida como o conhecimento do conhecimento procedido de forma dialética, o que possibilita um outro conhecimento, mais aperfeiçoado, mais sofisticado e mais inteligível.

Pelo visto e corroborando o pensamento de Chauí (2000), o ensino e aprendizagem da filosofia está no seu *télos*, ou seja, sua finalidade, que é a procura da verdade, necessitando indagar, questionar, analisar, refletir e criticar para se aproximar o máximo possível das realidades das coisas. É o conhecimento, no dizer de Platão, além do sensível, inteligível, que investiga os escaninhos mais profundos em busca de encontrar a essência das coisas e dos fenômenos (Iglésias, 2004).

O que se tem ensinado e aprendido de filosofia em geral, conforme a maioria dos autores, é que ela nasce com as ideias dos pré-socráticos, sendo o filósofo Tales de Mileto, do século VII para o século VI a.C., considerado o primeiro grande filósofo. É nesse período que surge a chamada teoria dos quatro elementos ou fase da cosmologia naturalista grega, que tentou compreender e explicar as origens das coisas e dos fenômenos do/no mundo a partir dos quatro principais elementos da natureza (*physis*): água, ar, fogo e terra, em sua inteireza, incluindo os processos de geração, evolução e movimento.

A cosmologia grega superou o até então período da cosmogonia, ou seja, quando tudo era explicado a partir do sobrenatural, dos mitos, lendas e deuses. Essa passagem é conhecida como: “do mito ao logos”. O logos inicia-se como o período da cosmologia grega ou racionalismo naturalista (século VII-V) para, em seguida, alcançar a filosofia da razão humana ou racionalismo antropocêntrico, tendo o ser humano como figura central (Reale; Antiseri, 2007; Storig, 2008).

O fato é que o eurocentrismo e suas derivações reivindicaram e reivindicam a filosofia como sendo uma filha pródiga da Grécia, estendida como milagre aos demais povos do mundo, sobretudo o ocidental. Esse eurocentrismo explorou e continua explorando não somente a parte material de suas ex-colônias, mas também a parte cognitiva, fazendo prevalecer suas ideias, princípios e valores, inclusive, por meio da literatura, que a julgam como superior

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES...

Antônio Roberto Xavier / Eduardo Ferreira Chagas

àquela que é produzida no âmago dos países colonizados, daí o ideário historicamente ensinado de que a filosofia surgiu na Grécia.

Diante disso, questiona-se: até que ponto é razoável creditar aos gregos o nascimento da filosofia? Houve quem reagisse a essas assertivas:

A filosofia, as artes e as ciências foram legados à civilização pelos povos do Norte da África, e não pelo povo da Grécia [...]. Temos então que o objetivo deste livro (em essência) é o de estabelecer melhores relações raciais, no mundo, revelando uma verdade fundamental sobre a contribuição do Continente Africano, para a civilização [...] [em suma] o livro é uma tentativa de mostrar que os verdadeiros autores da filosofia grega não foram os gregos, mas as pessoas do Norte de África, comumente chamados de egípcios; e o louvor e honra, falsamente atribuída aos gregos, durante séculos, pertencem ao povo da África do Norte e, portanto, ao Continente Africano. Consequentemente, este roubo do legado africano pelos gregos levou à opinião, mundial, errônea, de que o Continente Africano não fez nenhuma contribuição para a civilização e que o seu povo é naturalmente atrasado. Esta é a deturpação que se tornou a base do preconceito racial, que afetou todas as pessoas de cor e que perdura até hoje (James, 1954, p. 19-20).

A filosofia é fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas. A filosofia, cada vez mais, ocupa-se com as condições e os princípios do conhecimento que pretenda ser racional e verdadeiro; com a origem, a forma e o conteúdo dos valores éticos, políticos, artísticos e culturais; com a compreensão das causas e das formas de ilusão e dos preconceitos no plano individual e coletivo; com as transformações históricas dos conceitos, ideias, ideários, princípios e valores humanos/humanitários.

O debate segue franco e aberto no âmbito das três teses sobre o nascimento da filosofia, se na Grécia, se em algum país do continente africano ou se a filosofia não tem pai, patrono ou pátria, haja vista que o ato de pensar foi e é comum a toda criatura humana. Diante dessa querela, algumas abordagens chegam a falar em epistemicídio filosófico, no caso de atribuir pai, pátria e/ou patrono à filosofia, sendo a mais cogitada e aceitável aquela que aponta para uma filosofia pluriversal de e para todas as pessoas.

Afirmar que a filosofia nasce aqui, ali e/ou acolá parece querer capturar os pensamentos das pessoas. Falar que a filosofia nasceu com os gregos exclui outras e diversas possibilidades de civilizações outras que existiram bem antes da cosmologia grega, todavia é salutar destacar o papel importante que a Grécia desempenhou no avanço e sistematização do pensamento filosófico para a ciência como a conhecemos atualmente.

A importância do ensino de filosofia e o legado grego

A filosofia nos ensina a ensinar e a aprender por meio do método da lógica dialética socrática, que busca afastar a opinião (*doxa*) e alcançar o conhecimento real, verdadeiro (*episteme*). Assim, Sócrates contribui decisivamente para o aperfeiçoamento do conhecimento racional por meio de seu método investigativo, composto por duas fases: ironia e maiêutica. A ironia consiste em fingir não saber de algo, mesmo sabendo, não por arrogância, mas por estratégia de aperfeiçoamento recíproco do conhecimento. Nesse caso, a ironia é um método de investigação composto por questionamentos com a finalidade de deixar clarividente que o conhecimento que esse interlocutor julgava saber não passava de uma interpretação parcial da realidade.

Com relação à maiêutica (parto) de ideias, inspirado em sua própria mãe, que era parteira e ajudava a dar à luz com parto de novas vidas, Sócrates acreditava parir novas ideias aplicando o método investigativo da ironia maiêutica em busca do conhecimento verdadeiro ao afastar as armadilhas do falso conhecimento (Kreeft, 2024)

Outra vertente da lógica do sábio grego é a de que, ao falarmos de um assunto, precisamos ter clareza, ou seja, conhecermos a fundo o que realmente estamos a falar e sermos humildes em relação ao conhecimento, pois ninguém tem a obrigação de saber tudo ou de tudo. Nesse sentido, a lógica socrática nos habilita a compreender melhor a realidade das coisas e determina que o êxito do nosso conhecimento está em reconhecermos primeiramente nossa própria ignorância diante do mundo (Kreeft, 2024).

Outra importante estratégia de ensino e aprendizagem a partir da filosofia acontece por meio da dialética platônico-aristotélica. O ensino e aprendizagem de filosofia dialética platônica, outra vertente de ensino e aprendizagem de filosofia, podem seguir estrategicamente a partir de seu conceito, dos contextos e da importância, com abordagem geral, sem perder de vista as realidades específicas. Nesse sentido, iniciando pelo conceito, é de fácil compreensão a definição de filosofia concebida como sendo amizade pela sabedoria, amor e respeito ao saber/conhecimento.

Desse modo, se temos respeito e amor pelo conhecimento, queremos que seja verdadeiro, e não apenas aparência. Isso significa a busca da essência das coisas por meio da observação, investigação e análise crítico-reflexiva do objeto que se apresenta. É a busca do conhecimento inteligível para além do sensível. Esse conhecimento inteligível ou intelectual

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES...

Antônio Roberto Xavier / Eduardo Ferreira Chagas

real (*noesis*) só será possível por meio de raciocínio e de intuição em contraposição ao conhecimento sensível, fundamentado em conjectura (*eikasía*) ou em opinião (*doxa*), ou seja, conhecimento baseado apenas em aparências. O conhecimento inteligível é hipótese verificada; é inteligência filosófica que procede dialeticamente e que tem por objetivo alcançar a essência das coisas, as verdades (Platão, 2001).

O ensino e aprendizagem de filosofia no Brasil

O ensino e aprendizagem de filosofia no Brasil, assim como em outras áreas, têm se dado dentro de uma perspectiva eurocentrada. Essa afirmação encontra amparo teórico nas assertivas bem pontuadas por Buarque de Holanda (1995, p. 31), quando, na década de 1930, ao escrever seu clássico *Raízes do Brasil*, observou que:

A tentativa de implantação da cultura européia [*sic*] em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências [*sic*]. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias [*sic*] e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Decorrente dessa realidade inegável, o ensino e aprendizagem de filosofia no Brasil seguiram e ainda seguem as determinantes do continente colonizador e seus reflexos continuam impregnados nas diretrizes curriculares educacionais, que, por sua vez, foram e são perpassadas ao ideário cognitivo individual e coletivo da sociedade brasileira. No caso do ensino e aprendizagem de filosofia à brasileira, essa influência colonizadora europeia ocorre em contextos pontuais, que são decisivos para a construção e formação da *intelligentsia* do povo brasileiro.

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES...

Antônio Roberto Xavier / Eduardo Ferreira Chagas

Um bom início para caminhar juntamente com esse ideário eurocêntrico no âmbito filosófico seria repensar a filosofia positiva⁴ e concreta⁵ proposta pelo filósofo autodidata Mário Ferreira dos Santos (1907-1968), ou seja, ter a possibilidade de uma filosofia à brasileira pensando em nossas realidades plurais culturais com aplicação prática nas inúmeras e diversas comunidades brasileiras (Santos, 1966).

Por outro lado, sem, contudo, desprezar ou refutar as teses dos considerados clássicos da filosofia – inclusive passando pelas realidades aparentes e universais dos objetos chegando à essência desses e culminando com a formação de consciência para um entendimento apurado, propostos no sistema do filósofo oficial do rei da Prússia à época, Hegel, especificamente em sua fenomenologia do espírito –, a busca pela verdade no âmbito da filosofia requer visão mais ampla ou cosmovisão sobre os objetos investigados em busca do verdadeiro conhecimento (Hegel, 1990; Santos, 1955).

Além da primazia e preferência filosófica eurocêntrica adotadas por professores(as) no Brasil, existem, vez por outra, outros obstáculos para o ensino e aprendizagem de filosofia no sistema educacional brasileiro. Nesse sentido, é racional ressaltar que, mesmo sendo um componente curricular indispensável a ser ensinado e aprendido desde a educação básica, a filosofia tem sido atacada, sufocada, amordaçada, silenciada, extraída e até proibida de ser prevista no currículo formal estatal, sobretudo durante os regimes governamentais de exceção, no caso, do regime militar no Brasil, por exemplo.

O golpe militar no Brasil protagonizou uma série de mudanças e reformas. Em se tratando do ensino de filosofia, a partir do ano de 1964, permanece como disciplina optativa, seguindo alterações da Lei n. 4.024/1961, continuando assim até o ano de 1971, quando foi excluída do currículo e proibida de ser ensinada nas escolas (Costa; Subtil, 2016).

Pelo visto, o ato de pensar criticamente sobre as realidades sociais nesse contexto era considerado ato de subversão. Por outro lado, proibir as pessoas, sobretudo a juventude, de

⁴ Filosofia positiva de Mário Ferreira dos Santos não tem o mesmo sentido de positivismo do francês Auguste Comte, ao contrário, o positivismo filosófico de Santos (1961, 1976) refere-se à afirmação da realidade construída de forma legítima e consolidada, contrapondo-se ao negativismo, ao abstracionismo e/ou ao ceticismo.

⁵ A filosofia concreta de Santos (1961) se refere não apenas ao conhecimento sensível, aparente, físico, empírico, ao contrário, a filosofia concreta elencada por Santos (1961) busca a realidade para além das aparências, evitando análise isolada de parte do todo, mas interligando os aspectos em sua totalidade de um problema ou ser visando a alcançar a essência do objeto investigado, elevando-o a uma unidade superior e se aprofundando na estrutura ontológica dos seres e dos objetos investigados.

DO ENSINO E APRENDIZAGEM DE FILOSOFIA: QUESTÕES...

Antônio Roberto Xavier / Eduardo Ferreira Chagas

pensar era, é e será algo muito danoso ao indivíduo, em particular, e à sociedade, em geral. Em outras palavras, proibir as pessoas de desenvolverem a filosofia é perspectiva alienadora para torná-las mais fáceis de manipulação pelo sistema dominante, que se torna, ao mesmo tempo, opressor e inquestionável. Eis aí o grande interesse de os regimes autoritários quererem barrar o ensino e aprendizagem de filosofia nos currículos oficiais.

Conclusão

No decorrer desta pesquisa, tentamos alcançar o objetivo central proposto, qual seja: contribuir didático-pedagogicamente para o ensino e aprendizagem de filosofia, demonstrando sua importância tanto para a formação escolar como para a condução da própria vida. Deixamos posto que não é salutar acreditarmos que a filosofia tem pai, patrono ou uma pátria específica, sob pena de cometermos o chamado epistemicídio filosófico, mas esta é de caráter pluriversal, pertencente a todos os seres humanos que pensam e refletem sobre si, sobre os outros e sobre tudo que compõem o mundo e suas coisas.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, registramos a importância do legado grego para a filosofia racionalista e sua passagem do mito ao logos (ou da cosmogonia à cosmologia) ou do racionalismo naturalista ao racionalismo antropológico.

Por fim, aclaramos o quanto é importante o ensino e aprendizagem de filosofia para a formação e a construção de seres mais humanos, libertos, éticos e, sobretudo, sujeitos emancipados e compreendedores da realidade, visando à transformação social.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e as Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 dez. 1961.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

COSTA, Regis Clemente da; SUBTIL, Maria José Dozza. A ditadura militar no Brasil e a proibição do ensino de Filosofia: entre o tecnicismo e a subversão política. **Imagens da**

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 15	n. 40	Agosto 2026	p. 20 - 31
--------------------------	--------	-------	-------------	------------

Educação, Maringá, v. 6, n. 2, 2016. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/28805>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GALLO, Sílvio. **Filosofia**: experiência do pensamento. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

IGLÉSIAS, Maura. Conhecimento, pensamento e linguagem em Platão. **Ideias**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 233-262, 2004. DOI: <https://doi.org/10.20396/ideias.v11i2.8678153>.

JAMES, George Granville Monah. **Legado roubado**: filosofia grega é filosofia egípcia roubada. New Jersey: Africa, 1954.

KREEFT, Peter. **Lógica socrática**: um livro de lógica que usa o método socrático, questões platônicas e princípios aristotélicos. Campinas: Kíron, 2024.

MAZAI, Norberto; RIBAS, Maria Alice Coelho. Trajetória do ensino de filosofia no Brasil. **Disciplinarum Scientia**, Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2001.

PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Mário Ferreira. **Dicionário de filosofia e ciências culturais**. 4. ed. São Paulo: Matese, 1966.

SANTOS, Mário Ferreira. **Filosofia concreta**. 3. ed. São Paulo: Logos, 1961. (Tomo 1).

SANTOS, Mário Ferreira. **Filosofia e cosmovisão**. 2. ed. São Paulo: Logos, 1955.

SANTOS, Mário Ferreira. Meu filosofar positivo e concreto. In: LADUSÃNS, Stanilavs (org.). **Rumos atuais da Filosofia no Brasil**: em auto-retratos. São Paulo: Loyola, 1976. p. 407-427.

STORIG, Hans Joachim. **História geral da filosofia**: a sabedoria do Oriente, a filosofia grega, a filosofia medieval, o Renascimento e o Barroco, o Iluminismo e a obra de Kant, a filosofia do século XIX, correntes filosóficas do século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

XAVIER, A. R. *et al.* Pesquisa em educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Educa**: Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho, v. 8, p. 1-19, 2021.